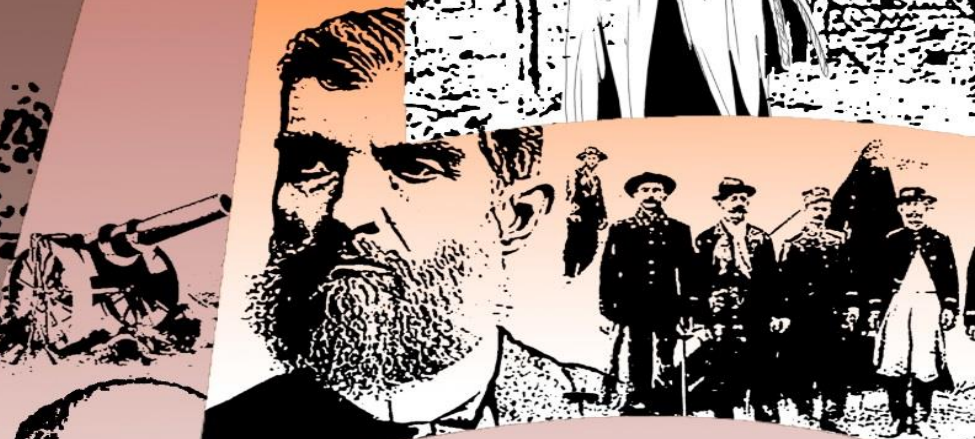


Tutorial de leitura literária de *Os Sertões*



Alexandra Cardoso da Silva Duarte



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE (PROFLETRAS)
UNIDADE DE ITABAIANA**

ALEXANDRA CARDOSO DA SILVA DUARTE

TUTORIAL DE LEITURA LITERÁRIA DE *OS SERTÕES*

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Santos Gomes

ITABAIANA, 2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

D812o Duarte, Alexandra Cardoso da Silva
Oficinas de leitura literária a partir de “Os sertões”, de
Euclides da Cunha / Alexandra Cardoso da Silva Duarte;
orientador: Carlos Magno Santos Gomes. – Itabaiana, 2019.
76 f.; il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade
Federal de Sergipe, 2019.

Produto: TUTORIAL DE LEITURA LITERÁRIA DE *OS
SERTÕES*, de Alexandra Cardoso da Silva Duarte; orientador:
Carlos Magno Santos Gomes. – Itabaiana, 2019.
31 f.; il.

1. Livro e leitura. 2. Leitura e ensino. 3. Compreensão na
literatura. 4. Literatura brasileira. I. Gomes, Carlos Magno Santos.
II. Título.

CDU 81'42

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
OBJETIVOS	8
CONCEITOS LITERÁRIOS	9
ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	12
ROTEIRO DE LEITURA DAS EXPEDIÇÕES	14
PRIMEIRA EXPEDIÇÃO: O INÍCIO DA LUTA	14
SEGUNDA EXPEDIÇÃO: A TRAVESSIA DO CAMBAIO	15
TERCEIRA EXPEDIÇÃO: TREME TERRA	17
QUARTA EXPEDIÇÃO: O FIM	18
OFICINAS DE LEITURA	21
OFICINA 1: MEMÓRIAS: A RECEPÇÃO ESTÉTICA DA OBRA	21
OFICINA 2: MULTILETRAMENTOS	22
OFICINA 3: MODELO CULTURAL DE LEITURA	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
ATIVIDADES SUGERIDAS	28
REFERÊNCIAS	30

APRESENTAÇÃO

Caro professor,

Este tutorial traz instruções para a montagem de uma oficina de leitura literária da obra *Os sertões* (1901), de Euclides da Cunha, com base em uma abordagem cultural para a educação básica. A leitura desta obra para o ensino fundamental se justifica pela necessidade de discutir sobre os temas pertinentes à formação identitária dos moradores da região de Monte Santo, Bahia. Apesar de a narrativa da Guerra de Canudos fazer parte da construção identitária do povo sertanejo, a obra de Euclides da Cunha só é apresentada aos alunos apenas no ensino médio e de forma muito superficial.

A leitura literária vai além do conhecimento de uma obra literária e nos convida a pensar como cada obra é recepcionada nos espaços sociais. Como é do conhecimento de todos, ler é imprescindível ao crescimento humano. Assim se constitui numa atividade importante para o desenvolvimento dos estudantes. Por essa razão, este tutorial de leitura literária tem como objetivo propor debates sobre metodologias acerca do trabalho com a leitura em sala de aula com vistas a contribuir para a melhoria dos níveis de leitura dos alunos da rede pública de ensino.

Assim posto, o material proposto visa a oferecer um trabalho consistente de leitura do texto literário voltado para uma reflexão acerca da formação da identidade do povo sertanejo, as consequências ideológicas deixadas pela Guerra de Canudos. Soma-se a isso a preocupação de que você, educador, deve ter como meta formar leitores críticos desde a base, possibilitando o reconhecimento dos processos identitários e culturais presentes dos alunos em formação.

Nesse sentido, presume-se um ensino motivador para a formação e o desenvolvimento das capacidades e habilidades leitoras literárias dos estudantes, assim, esse material foi pensado com a finalidade de contribuir no processo de orientação na formação de leitores mais críticos e atuantes com a relação aos processos de formação do seu povo.

Ante o exposto, este tutorial de leitura literária traz uma metodologia pedagógica que enfoca as questões culturais e ideológicas, a partir da narrativa da Guerra de Canudos, no intuito de promover uma reflexão sobre as consequências históricas desta guerra para os

habitantes desta região. Dessa forma, é importante que você, como professor, leve em consideração a relevância desses temas para a realidade social e cultural de seus alunos.

Este tutorial foi elaborado com base em uma pesquisa desenvolvida em sala de aula de uma turma do ensino fundamental na cidade de Monte Santo, durante o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). A ideia surgiu da constatação da ausência de um trabalho mais consistente com a obra *Os sertões* para os alunos do nono ano do ensino fundamental. Embora seja considerada uma obra densa e complexa para esta modalidade de ensino sua leitura se torna importante pela estreita relação que ela tem com a cidade de Monte Santo, cidade que sediou a segunda base de operações da guerra.

Além disso, várias adaptações multimodais foram produzidas a partir do imaginário dessa guerra e da obra de Euclides da Cunha, como filmes, documentários, revistas e HQ. Pela diversidade ideológica e pela possibilidade de utilizar recursos audiovisuais, utilizamos trechos desse material para as oficinas com destaque para a obra em HQ, possibilitando uma prática de leitura colaborativa. Com esse formato dinâmico, acreditamos que haja maior participação dos alunos.

Partindo dessa premissa, este tutorial traz como proposta a leitura das expedições da Guerra de Canudos, materializadas no capítulo *A luta*, da obra *Os sertões* de Euclides da Cunha; “Travessia do Cambaio”, “Expedição Moreira César”, “Quarta expedição” Nova fase da luta” e “Últimos dias”.

Estes textos foram escolhidos porque revelam todas as fases da guerra, retratando os motivos que levaram o ataque a Canudos, as fragilidades de um povo que vivia distante da civilização, a bravura e a resistência do povo sertanejo. Além do mais, pode-se dizer que *Os sertões* é a principal obra literária que narra a história da Guerra de Canudos. Sendo conhecido tanto pelo seu poder crítico, como pelas profundas convicções sociopolíticas que se destacam na literatura. Desta forma, ela se tornou crucial para o nosso trabalho, visto que, “a leitura literária como uma prática social possibilita uma pedagogia da inclusão em que o estético e o social não são separados” (GOMES, 2009, p. 1).

O presente tutorial de leitura espera, portanto, contribuir para a formação de leitores críticos, na medida em que traz uma perspectiva de ensino de literatura a partir do modelo cultural de leitura, que pode ajudar você, professor, na elaboração que desperte a criticidade dos alunos.

Partindo de uma perspectiva multimodal, ancorada nos multiletramentos e na leitura de HQ, pretende-se proporcionar ao aluno o contato com a obra pela diversidade dos textos

disponíveis na rede e por trechos da obra de Euclides. Este tutorial está composto de conceitos teóricos que dão sustentação às oficinas e aos roteiros de leitura construídos para uma leitura literária colaborativa e participativa para os alunos da educação básica. As referidas oficinas abordam formas inovadoras de leitura do capítulo *A luta* com o intuito de fazer uma reflexão acerca dos aspectos culturais e ideológicos que permeiam este importante fato histórico.

Utilizando como recursos de apoio para a melhoria dos níveis de leitura e à aproximação dos alunos com a obra, documentários, vídeos, entre outros recursos, para ressaltarmos aspectos relevantes da construção da identidade do nosso povo. Dessa maneira, este tutorial se torna, então, relevante para apontar o quanto o ensino de literatura pode ajudar os alunos a compreender valores sociais de seu contexto social.

Bom trabalho!

OBJETIVOS

Geral

Proporcionar aos alunos das séries finais do ensino fundamental a leitura de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, através dos questionamentos e a experiência local, destacando os embates ideológicos a partir da narrativa da terceira parte da obra, *A luta*, destacando os elementos identitários do povo desta região, por meio de textos multimodais: escrito, HQ e audiovisual.

Específicos

- Promover a formação crítica do leitor por meio da identificação dos elementos regionais da região de Monte Santo por meio de uma leitura cultural de *Os sertões*;
- identificar os diferentes pontos de vista que dão sustentação ao episódio da guerra, sobrepondo as perspectivas tanto do governo, como a do povo de Canudos;
- comparar os elementos históricos que dão sustentação às quatro expedições de Canudos, do capítulo *A luta*, enfatizando a resistência do povo local; e
- elencar as principais perspectivas de revisão que podem ser construídas a partir de leitura comparativa entre a obra e a adaptação da HQ.

CONCEITOS LITERÁRIOS

Com o objetivo de colaborar com a sua prática docente, este tutorial traz alguns conceitos teóricos acerca da importância da leitura literária ancorado no modelo cultural de leitura, para que as suas aulas tenham formatos mais instigantes e reflexivos.

O presente tutorial traz um enfoque para a importância de aliar a prática docente à leitura. Contudo, vale ressaltar que o trabalho aqui apresentado pretende apresentar uma possibilidade de leitura de *Os sertões* que pode ser adequado para outras obras, bem como ter seu material teórico aprimorado. De maneira alguma, os conceitos aqui expostos anulam outras possibilidades de pesquisas e a promoção de outras metodologias.

Ler é imprescindível ao desenvolvimento humano. Diante dessa afirmativa, a leitura e a compreensão do texto são de capital importância para a garantia de uma formação completa. Partindo dessa premissa, nota-se que uma das preocupações do ensino de leitura é pontuar a diferença entre decodificar e ler, de fato. Soares, na década de 1980, já acentuava essa diferença ao dizer que “ao povo permite-se que aprenda a ler, não se lhe permite que torne leitor”. (SOARES, 1988, p. 25).

Desta forma, percebemos que o conceito de leitura está atrelado ao conceito de letramento, visto que o letramento é o exercício das práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade, assim independente de saber ler ou não, os indivíduos dialogam constantemente com o universo da escrita e da leitura (SOARES, 2003).

Percebe-se que na literatura não é diferente, uma vez que ela também exerce uma função social. Para Rildo Cosson, o efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros, assim, estamos diante de outra concepção de letramento, o letramento literário. (COSSON, 2018, p. 28).

Diante dessas novas concepções, o professor precisa repensar a sua aula de língua portuguesa que já não deve estar atrelada apenas ao ensino de normas e a historiografia dos textos literários, mas envolvidos com as relações sociais que, inclusive, estão cada vez mais complexas, assim, o ensino de literatura passou a ter papel importante para a sociedade, uma vez que se este ensino for democrático e inclusivo pode proporcionar às pessoas uma visão menos preconceituosa e discriminatória em relação ao outro.

Ao seguir essa perspectiva, este tutorial pedagógico traz uma proposta de leitura que visa ampliar o horizonte de expectativas dos alunos do nono ano do ensino fundamental. Com

base nas teorias, os métodos Subjetivo (2014), de autoria de Annie Rouxel e a Prática cultural de leitura (2014), de Carlos Gomes, no intuito de levar para sala de aula texto e metodologias de trabalho mais atraentes e estimulantes para os educandos.

Nesse sentido, ao propor uma didática de leitura subjetiva, de Annie Rouxel, pretendemos auxiliar alunos e professores a conviver com as diferenças em sala de aula, respeitando a particularidade de cada um. Essa prática de leitura poderá contribuir para a formação da identidade dos leitores pois “coloca em evidência a influência do texto e seu poder catalisador na própria cultura do sujeito” (ROUXEL, 2014, p. 26).

Além disso, presumimos contribuir para um processo de leitura mais significativo, discutindo as questões ideológicas presentes no texto literário, a partir do modelo cultural de leitura de Gomes (2012) “que propõe uma leitura revisionista que atualize os significados dos textos” (GOMES, 2012 p.170), entendendo que “o texto necessita de uma interpretação dos significantes como parte de uma sociedade e relacione o texto lido a suas heranças culturais” (GOMES, 2012, 177).

Ao considerar o papel da leitura no desenvolvimento intelectual e cultural do indivíduo. Discutir *Os sertões* torna-se de grande importância, uma vez que a obra tem estreita relação com a história e a cultura de Monte Santo que precisa ser explorada no intuito de contribuir para a reflexão das heranças culturais deixada pela Guerra de Canudos.

A obra apresenta em sua narrativa abordagens críticas acerca das convicções sociais e políticas destacadas na literatura. Mas, por se tratar de uma obra densa, extensa e ser composta por uma linguagem de difícil acesso aos estudantes do ensino fundamental, a rede de ensino municipal tem optado por não incluí-la em seus planos de ensino, nessa modalidade. Desta forma, *Os sertões* é apresentado aos alunos apenas no ensino médio, e na maioria dos casos, o professor apresenta apenas a abordagem historiográfica, sem contemplar outras possibilidades de exploração da obra literária.

Diante desse contexto, para realizar esse trabalho nas escolas é preciso se aliar à multimodalidade, presente na pedagogia dos multiletramentos de Rojo (2012) que foi potencializada com o advento da rede de computadores e o letramento digital de Freitas (2010) que consiste em fazer uso social da leitura e da escrita presente nos ciberespaço, entendendo que o público-alvo está imerso no mundo digital, consideramos que fazer uso das novas tecnologias pode ser um importante aliado nessa empreitada.

Desta forma, visamos contribuir para uma prática de leitura literária que incorpore a dinâmica da comunicação digital com uma perspectiva cultural que reconheça as

particularidades das identidades da obra e do leitor, especificamente, os aspectos históricos e regionais.

Diante desse pressuposto, discutir a obra *Os sertões*, especificamente, o capítulo *A luta* que narra as quatro expedições ocorridas durante a guerra, parte da necessidade de envolvê-los em uma prática de leitura que esteja relacionado com os aspectos ideológicos e culturais da cidade onde vivem, motivando-os a repensar os valores ideológicos construídos ao longo do tempo.

Tendo em vista, que os fatos são trazidos a partir da narrativa da Guerra de Canudos, e que a cidade de Monte Santo sediou o quartel general da referida guerra, essa obra tem um papel significativo na história desse povo e para tal precisa ser apresentada aos filhos dessa história, primando pela apresentação da representação dos elementos culturais. Assim, para atender a essa prerrogativa, pretendemos evidenciar o modelo cultural de leitura de Gomes (2012) “que propõe uma leitura revisionista que atualize os significados dos textos”. (GOMES, 2012 p.170), entendendo que “o texto necessita de uma interpretação dos significantes como parte de uma sociedade e relacione o texto lido a suas heranças culturais” (GOMES, 2012, 177).

Para além disso, estaremos atentos acerca de como isso foi construído no imaginário coletivo dos habitantes de Monte Santo e se condizem com as materializações culturais presentes nas praças, museus e órgãos públicos da cidade, “daí a importância de um modelo cultural de leitura que valorize a revisão do passado cultural, visto que o leitor crítico é um coautor, um invasor com sua imaginação e experiência”. (GOMES, 2012, 174).

Nesse sentido, tendo em vista os desafios do ensino de leitura literária na contemporaneidade, este trabalho pretende apresentar de forma multimodal e fazendo uso do letramento digital, o capítulo *A luta*, de *Os sertões*, por acreditar ser uma metodologia mais condizente com o público-alvo em questão, sob a ótica da leitura subjetiva e do modelo cultural de leitura, respectivamente, de Rouxel (2013) e Gomes (2012) para entender como os alunos têm interpretado a passagem das quatro expedições, as vitórias e derrotas dos sertanejos, e quais as heranças culturais que eles têm desse episódio histórico da cidade de Monte Santo.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Partindo do alcance dos objetivos propostos, você estará despertando nos seus alunos, além do gosto pela leitura do texto literário, uma reflexão acerca da história do lugar onde vivem, considerando as consequências ideológicas arraigadas a partir do massacre de Canudos e suas contribuições na formação da identidade do povo sertanejo.

Dessa maneira, este tutorial de leitura literária traz a possibilidade de inovar o ensino e a formação do leitor literário da atualidade, uma vez que almeja uma educação mais crítica e condizente com a realidade sociocultural dos alunos.

Pelo fato de que o trabalho será desenvolvido, a partir de uma obra em HQ, estimamos que por ser um texto cheio de imagens e possuir uma linguagem mais condizente com a dos alunos do ensino fundamental, incentiva o leitor a despertar a sua imaginação, proporcionando-lhe descobertas e questionamentos da sua realidade. Além disso, este trabalho pode contribuir de maneira significativa para a melhoria dos níveis de leitura nessa modalidade de ensino.

A formação do leitor por meio da leitura do texto literário pode ajudar na formação identitária desse leitor, tornando-o mais crítico questionador do mundo onde vive e da realidade a sua volta. Com base nesse enfoque, o trabalho foi organizado em três momentos; memórias, multiletramentos e leitor cultural.

A primeira etapa, intitulada memórias, se inicia com a aplicação de um questionário com o objetivo de descobrir quais as memórias dos alunos sobre a Guerra de Canudos; as atividades desenvolvidas nesta oficina iniciaram a partir do conhecimento prévio dos alunos sobre *Os sertões*. Foi feita uma visita temática ao Museu da cidade, que abriga um significativo acervo da história de Canudos, Em seguida assistimos o filme A guerra de Canudos e do documentário Sertão, Sertões, ambos com direção de Sérgio Rezende. A partir destas atividades pudemos atualizar a discussão sobre a identidade sertaneja pelas memórias que eles têm do lugar.

Após essa etapa, parte-se para a etapa dos multiletramentos, embasados no conceito de Roxane Rojo (2012). Deste modo, foram desenvolvidas atividades de pesquisa no laboratório de informática, envolvendo os acontecimentos da Guerra de Canudos. Os alunos observaram como a mídia noticiou o combate de Canudos, imprimiram diversas reportagens e, posteriormente, teceram comentários sobre as contradições evidenciadas.

Na etapa seguinte, a do leitor cultural, os alunos tiveram contato com a obra literária em HQ, *Os sertões: a luta*/ Euclides da Cunha: adaptações de Carlos Ferreira (roteiro) e Rodrigo Rosa (ilustração), (2010) que foi apresentada intercalada com trechos da obra *Os sertões* de Euclides da Cunha (2016).

Nesta etapa, foram realizadas várias atividades com o objetivo de analisar a formação crítica e as heranças culturais que os alunos tinham de *Os sertões*, embasado no modelo cultural de leitura proposto por Gomes (2012) que acredita que “a formação do leitor está relacionada diretamente às ideologias vigentes no contexto da leitura” (GOMES, 2012, p.169).

Nesse sentido, a ideia foi de que a partir dessas atividades pudéssemos discutir as diferenças ideológicas que fizeram parte da construção textual e de sua recepção crítica e nortear a compreensão da condenação do atraso sertanejo e da glorificação da resistência de Antônio Conselheiro e seus seguidores durante o combate em Canudos.

É importante destacar que a partir daí, você, professor, pode entremear ao longo das etapas de leitura a relevância de propor leituras revisionistas que atualizem os significados dos textos, entendendo que “o texto necessita de uma interpretação dos significantes como parte de uma sociedade e relacione o texto lido a suas heranças culturais” (GOMES, 2012, 177).

É nessa fase da pesquisa que os alunos vão pensar e questionar acerca das consequências ideológicas do massacre de Canudos na cidade de Monte Santo, refletir sobre a materialização desse acontecimento na obra euclidiana, sobretudo, a construção da identidade sertaneja. Enfim, pensar sobre a nossa formação cultural e histórica, a partir da leitura literária.

Após essas reflexões, o professor pode lançar atividades de retextualizações, de reconstrução, lúdicas, enfim, tantas outras atividades, no intuito de contribuir para a formação de sujeitos críticos, uma vez que se trata de uma “formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino de literatura vislumbra” (ROUXEL, 2013, p. 20).

Diante do exposto, esta oficina leitura literária tem a intenção de formar leitores mais atentos às questões sociais, perpassando pelas discussões ideológicas que nos circundam e, sobretudo, o impacto disso na vida das pessoas.

ROTEIRO DE LEITURA DAS EXPEDIÇÕES

Este tópico do presente tutorial objetiva auxiliá-lo/a quanto à leitura do capítulo A luta da obra *Os sertões* de Euclides da Cunha. Este capítulo foi selecionado por narrar um dos maiores acontecimentos históricos do Brasil, a Guerra de Canudos. Além disso, por ter sido materializada em uma das mais importantes obras literárias do Brasil.

Outro fator que merece destaque é a estreita relação que esta obra tem com a história e a cultura da cidade de Monte Santo. Desta forma, a narrativa das expedições foi escolhida, por retratar a bravura e a resistência do povo sertanejo, com riqueza de detalhes, juntamente com a leveza do texto literário.

Considerada, por muitas, uma obra densa de difícil acesso, para torná-la mais atraente, nesse roteiro de leitura, dividimos o capítulo *A luta* em quatro partes, sendo que cada parte representará uma expedição.

PRIMEIRA EXPEDIÇÃO: O INÍCIO DA LUTA

Essa expedição narra o início do combate e demarca os aspectos políticos, sociais e ideológicos que desencadearam a Guerra de Canudos. Nesta parte da narrativa, a ideia inicial é que a guerra tenha sido desencadeada pelas desavenças de Conselheiro com o juiz de direito, Arlindo Leone.

O doutor Arlindo Leone era o juiz de direito da comarca de Bom Conselho, 1984, quando esta foi invadida por “conselheiristas” que, contrários ao casamento civil, além de expulsarem as autoridades locais, torturaram o escrivão de casamentos, acusando-o de usurpar as funções do vigário. Mais tarde, em 1986, transferido para Juazeiro, Arlindo Leoni toma conhecimento de que Antônio Conselheiro buscava, à força, um lote de madeira que comprara e pagara, o qual seria utilizado na construção da nova igreja de Canudos. Desejoso de vingança pelas humilhações porque passara em Bom Conselho, o juiz, exagerando o perigo da “invasão” de Juazeiro, solicita através de intensa correspondência, providências por parte do governo e do general Solon Ribeiro, comandante do Distrito Militar de Salvador. Este envia, então, o tenente Pires Ferreira e mais cem praças com a missão de “proteger” Juazeiro, dando origem à primeira expedição militar regular enviada contra Antônio Conselheiro. (BRANDÃO, 1996, p. 35)

Desse modo, discutir com os alunos a primeira expedição militar a Canudos a partir do modelo cultural de leitura requer uma releitura, considerando as representações postas,

sobretudo, o juiz Arlindo Leone e Antônio Conselheiro. Pode-se partir da intersecção entre o estético e o político presente na obra e promover uma leitura crítica que possibilite melhor compreensão acerca dos fatores que determinaram o ataque a Canudos e como esse fato é narrado na obra euclidiana.

A esse respeito Euclides da Cunha defende que o pano de fundo para a Guerra de Canudos tenha sido o conflito cultural resultante da incompatibilidade entre valores culturais, morais e institucionais.

Salta-se do trem, transpõe-se poucas centenas de metros entre casas deprimidas e topa-se, para logo, à fimbria da praça – sertão...
Está-se no ponto de tangência de duas sociedades, de todo alheias uma à outra (...) Discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telhas do interior, que desequilibra tanto o ritmo de nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional (...) Outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo.
(CUNHA, 2016, p. 54)

No caso em questão, havia uma distância social muito grande entre os soldados que vinham do sul ou das capitais do norte, que eles chegavam a se sentir estrangeiros. Pode-se dizer que esse distanciamento causou um efeito desintegrante entre militares e sertanejos provocando uma competição acirrada entre ambos e acabou evoluindo para um conflito geral. (BRANDÃO, 1996, p.39).

Decerto, o modelo cultural de leitura nos permite analisar, nessa expedição, a estrutura estética, ou seja, como Euclides apresenta os militares e os sertanejos sem deixar de lado os aspectos culturais imbricados nessa apresentação, a exemplo dos conflitos gerados pelas diferenças.

Dessa maneira, essa prática interdisciplinar de leitura tratará a literatura como produção estético-cultural, marcada pelas diferenças ideológicas que fazem parte da construção textual e da recepção crítica, muito importante para a formação do leitor.

SEGUNDA EXPEDIÇÃO: A TRAVESSIA DO CAMBAIO

A segunda expedição é comandada pelo major Febrônio de Brito e denota os desafios e as fragilidades dos militares com mais intensidade. Germinada a partir das impressões que o povo do sul constituía do nordeste, os militares tinham a certeza da vitória.

Seria fácil: por isso deixou um terço de munição em Queimadas e recusou a ajuda em mantimento de alguns fazendeiros. Marchava para uma “guerra padrão”. Em três colunas, com artilharia pesada, entrou na caatinga. Dois dias depois, com os soldados já exaustos, verificou surpreso que a “munição de boca” tinha acabado. Estavam a dez quilômetros de Canudos e seria perigoso voltar, teriam que avançar combater e vencer, para escapar da fome. (CHIAVENATO, 1939, p. 106)

Entretanto, a astúcia do sertanejo ludibriou os militares, que chegaram a crer na vitória momentaneamente, mas no dia seguinte foram atacados de surpresa por armas brancas, constituindo uma luta diferente da que fora planejada pelos militares. Tais atitudes levaram o escritor Euclides da Cunha a criar uma visão negativa dos sertanejos, visto que considerou Canudos de "urbs monstruosa" e "civitas sinistra do erro", dominada pela desordem e pelo crime.

É que a expedição perdera de todo em todo a estrutura militar, nivelados oficiais e praças de pré pelo mesmo sacrifício. Enquanto o comandante, cujo ânimo não afrouxara, procurava os pontos mais arriscados; enquanto capitães e subalternos, sobraçando carabinas, se precipitavam, de mistura com as praças da pré, em cargas feitas sem vozes de comando, um sargento, contra todas as praxes, dirigia a vanguarda. (CUNHA, 2016, p. 270)

A situação dos militares no combate, representada na citação acima, ao mesmo tempo que nos apresenta a falta de preparo da tropa, nos permite associar o fato à capacidade que o sertanejo tem de lidar com as adversidades. Assim, a partir desta leitura o professor pode atualizar a narrativa, discutindo com os alunos, a respeito da coragem, da disposição que o sertanejo tem nos períodos longos de estiagem, no combate à fome e às mazelas sociais presentes na região Nordeste.

Deste modo, estas representações presentes na narrativa podem contribuir para que os discentes questionem a dominação do povo do sul e a naturalização da ausência de políticas públicas que poderiam melhorar a vida do povo nordestino.

Diante do exposto, o trabalho com essa expedição propõe uma releitura das representações imbricadas na relação estabelecida entre os jagunços e os militares, uma vez que ela representa a segunda derrota, nela também se evidencia a influência dos aspectos naturais nesse processo, bem como as formações identitárias de cada um, reconhecendo que a identidade é uma construção e um resultado de um ato de naturalização. (GOMES, 2011, p. 01).

TERCEIRA EXPEDIÇÃO: TREME TERRA

Diante das sucessivas derrotas das expedições anteriores, o exército brasileiro enviou a Canudos o coronel Moreira César, escolhido para chefiar a terceira expedição. “Truculento, epilético, frágil e obcecado, é um dos mais conceituados militares republicanos, florianistas, justamente porque exerceu essas “qualidades” reprimindo os federalistas de 1893, em Santa Catarina” (CHIAVENATO, 1939, p. 106).

Nesta expedição, fica mais evidente a capacidade de organização do sertanejo, pois enquanto o exército avança às cegas, os sertanejos têm uma organização perfeita, dividindo-se em vanguardas que irritam os federais, mantêm os grupos na retaguarda para guardar munição; outros para transportá-la e dividi-la nos combates; possuem até uma rede de espões que conseguem infiltrar-se mesmo entre os oficiais do Exército, e uma capacidade quase instintiva de ajuntarem-se todos, quando sentem o inimigo fraco, para atacá-lo duramente. (CHIAVENATO, 1939, p. 107).

O canhão retomado voltou à posição primitiva. As coisas, porém, não melhoraram. Apenas repelidos os jagunços, num retroceder repentino que não era uma fuga, mas uma negaça perigosa, fervilhavam no matagal rarefeito, em roda: vultos céleres, fugazes, indistintos, aparecendo e desaparecendo nos claros das galhadas. Novamente esparsos e intangíveis, punham, ressoantes, sobre os contrários, os projetis grosseiros — pontas de chifre, seixos rolados, e pontas de pregos — de sua velha ferramenta da morte, desde muito desusada. Renovavam o duelo à distancia, antepondo as espingardas de pederneira e os trabucos de cano largo às mannlichers fulminantes. Volviam ao sistema habitual de guerra, o que era delongar indefinidamente a ação, dando-lhe um caráter mais sério que o do ataque violento anterior, fazendo-a derivar cruelmente monótona, sem peripécias, na iteração fatigante dos mesmos incidentes, até ao esgotamento completo do adversário que, relativamente incólume, cairia afinal exausto de os bater, vencido pelo cansaço de minúsculas vitórias, num asfaltamento trágico de algozes enfatiados de matar; punhos amolecidos e frouxos pelo multiplicado dos golpes; forças perdidas em arremessos doidos contra o vácuo.

CUNHA, 2016, p. 162)

Nesta expedição, o combate é intensificado, as dualidades ficam mais acentuadas, assim, faz-se necessário resgatar a memória e a partir das heranças culturais privilegiar e propor uma leitura mais elaborada, revisitando e atualizando essa tensão que mudou significativamente os rumos daquela região.

Ante o exposto, percebemos a partir da narrativa euclidiana que o sertanejo é apresentado, em alguns momentos, em condições superiores à dos militares pelo fato de conhecer o lugar. Ao visitar a obra é importante que o professor enfatize para os alunos a

quantidade de armas, munição, canhão que foi enviado pelo exército a fim de ficar claro que as condições eram extremamente desiguais. A atualização da obra também é importante que seja feita, o professor pode discutir com os alunos sobre a concentração de renda entre as regiões e abrir um debate sobre a situação da região Nordeste.

A partir dessas atividades podemos despertar a consciência crítica dos alunos, propor uma reflexão acerca das condições de vida dos nordestinos e os estereótipos criados em torno do sertanejo.

Dessa maneira, o professor estará levando em consideração as interferências externas presentes no processo de construção dos sentidos da leitura, a exemplo das concepções de grupos sociais dominantes que apresentam o sertanejo a partir de conceitos simplistas e preconceituosos, tratando-o por muitas vezes, como descamisado e inferior às pessoas de outras regiões. Assim posto, vemos que a formação do leitor está relacionada diretamente às ideologias vigentes no contexto da leitura. (GOMES, 2012, p. 169).

QUARTA EXPEDIÇÃO: O FIM

O último ataque a Canudos foi marcado por uma forte mobilização nacional. Foram convocados soldados de todo o país para compor as tropas. Foram cerca de 10 mil homens, equipamentos modernos, canhões, enfim, trouxeram para Canudos tudo que havia de mais moderno.

Entretanto, mesmo diante de tanto investimento, a luta durou meses, cercados nos morros que circundavam Canudos e bloqueados pelos sertanejos, os militares quase sofreram nova derrota. Diante disso, o governo federal viu-se obrigado a enviar novos reforços policiais vindas de vários Estados brasileiros, inclusive o próprio ministro da guerra, o marechal Bittencourt, que estabeleceu o seu quartel em Monte Santo e de onde passou a organizar os serviços de infraestrutura da campanha. (CITELLI, 2000, p. 32).

Nesse sentido, professor, nessa passagem do texto, você pode ampliar a discussão e provocar uma reflexão com o intuito de gerar novas leituras, sobretudo, as culturais e ideológicas.

Observamos, por exemplo, na praça principal de Monte Santo, ao lado da estátua de Antônio Conselheiro, temos a réplica do canhão de Canudos e o busto do marechal Bittencourt, acompanhado de uma placa de honra e mérito pelos serviços prestados em nossa região.

Diante dessa premissa, a partir da narrativa euclidiana, que apresenta com riqueza de detalhes o sofrimento dos sertanejos nos instantes finais da guerra, podemos debater com os alunos acerca da homenagem prestada ao marechal que foi responsável pela destruição de Canudos.

E importante avaliar com os alunos as consequências ideológicas dessa guerra, tendo em vista que não temos, por exemplo, nenhuma placa de honra ao mérito a nenhum sertanejo por ter lutado bravamente pela defesa dos sertanejos. Dessa maneira, estaremos didaticamente construindo um modelo cultural de leitura partindo de dois pressupostos: o da interdisciplinaridade da leitura cultural e o da pedagogia inclusiva da valorização das identidades. (GOMES, 2012, p. 168).

Percebemos que nessa fase da luta o ataque se intensifica, era preciso combater Canudos a todo custo, de outro lado a resistência sertaneja persistia. Em *Os sertões*, Euclides narra de forma épica a coragem, a violência e a barbárie da guerra. Após revelar os antecedentes da guerra, na quarta expedição, faz um balanço do combate, analisando questões diversas que vão desde as condições do terreno às estratégias utilizadas.

A obra narra com maestria os últimos dias de Canudos e a resistência final dos conselheiristas; nesta fase, os sertanejos, ainda que ressurgissem a cada batalha, estavam em situação deplorável. Diante disso, a narrativa muda de tom, o narrador substitui os juízos preconceituosos e condenatórios das partes iniciais por admiração e respeito pelos sertanejos. (CITELLI, 2000, p. 56).

Chegando a primeira canhada encoberta, realiza-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente à vítima um viva à República, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na. Não raro a sofreguidão do assassino repulsava esses preparativos lúgubres. O processo era, então, mais expedito: varavam-na, prestes, a facão.

Um golpe único, entrando pelo baixo ventre. Um destripamento rápido...

Tínhamos valentes que ansiavam por essas cobardias repugnantes, tácita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares. (...)

A degolação era, por isto, infinitamente mais prática, dizia-se nuamente. Aquilo não era uma campanha, era uma charqueada. Não era a ação severa das leis, era a vingança (CUNHA, 2016, p. 381).

Partindo dessa premissa, professor, entendemos que é preciso estar atento às representações sociais que os alunos carregam dessa narrativa, tendo em vista que “o pertencimento é uma opção ora pessoal, ora coletiva”. (GOMES, 2012, p. 171). Discutir com

os alunos essas representações os ajudará a compreender a formação da sua identidade, promovendo posicionamentos sociais importantes para interação humana.

Em todas as expedições temos um discurso que se alterna entre a defesa dos militares e a dos sertanejos, ainda que na última expedição Euclides expresse certa comoção pelos sertanejos, ainda assim, devemos considerar as diversas vezes que o sertanejo foi tratado como bárbaro, fanático e inconsequente.

Dessa forma, professor, ao ler esta obra deve retomar as heranças locais para discutir a formação da identidade sertaneja, abordando, por exemplo, os estereótipos sociais criados em torno disso.

A partir da subjetividade do leitor podemos perceber as representações construídas e questioná-las, já que “cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões que ela gerou” (SAID, 1995, p. 105 apud GOMES, 2012, p. 180). Portanto, o modelo cultural de leitura valoriza a participação do leitor, que “é responsável pela atualização dos textos” (ZILBERMAN, 2001, p. 88 apud GOMES, 2012, p. 180).

Assim, estes textos foram selecionados para compor o referido tutorial por abordarem um tema relevante para a construção da identidade sertaneja. As personagens centrais das quatro expedições são representações de construções identitárias que superam a naturalização dos estereótipos preconceituosos que deturpam a história que narra o massacre de Canudos. Por isso, esse texto pode trazer para a sala de aula e, conseqüentemente, para os/as discentes, questionamentos a respeito dos comportamentos assumidos na sociedade, além de contribuírem para o desenvolvimento das capacidades e habilidades leitoras dos/as alunos/as.

Nesse sentido, o tutorial de leitura literária de *Os sertões* para o ensino fundamental visa discutir a obra *Os sertões* a partir das heranças culturais e históricas produzidas ao longo do tempo. É importante que você, professor, leve em consideração as especificidades dos textos e o momento histórico e cultural em que foram produzidos. Entretanto, que também seja capaz de promover em suas aulas “um ensino atualizado que possa ir além dessas características e se transforme em um projeto de intervenção política nas aulas de literatura” (GOMES, 2013, p. 33).

OFICINAS DE LEITURA

Levando em consideração os novos pressupostos para o ensino de literatura nas séries finais do ensino fundamental, estas oficinas de leitura auxiliarão você, professor, na aplicação das atividades, pois sugerem aulas mais dinâmicas as quais podem prender a atenção dos discentes, na medida em que são mais atrativas para o público jovem, sempre cercado de novas tecnologias e saberes. O modelo cultural de leitura, já apresentado nos tópicos anteriores deste tutorial, é fundamental para que as interpretações, historicamente impostas, possam ser revisitadas e atualizadas, trazendo novas possibilidades de construção da história.

OFICINA 1: MEMÓRIAS: A RECEPÇÃO ESTÉTICA DA OBRA

As atividades desenvolvidas nesta oficina iniciarão a partir do conhecimento prévio dos alunos sobre *Os sertões*. Este primeiro momento está ancorado na leitura subjetiva de Annie Rouxel (2014), a fim de explorar as impressões do leitor, que conduzirão o aluno para uma interpretação em torno dos conceitos de identidade e o diálogo com outros textos.

Objetivos:

- visitar de forma crítica obras que retomem a temática de a Guerra de Canudos;
- aplicar questionários para saber quais as memórias que os alunos têm da Guerra de Canudos;
- ampliar a discussão sobre a presença de Canudos na cidade de Monte Santo;
- atualizar a discussão sobre a identidade sertaneja por meio das memórias que eles têm do lugar;
- explorar a memória cultural e a recepção do leitor crítico;
- trabalhar a leitura interdisciplinar;

Material necessário

Uma cópia do filme A guerra de Canudos de Sérgio Rezende, 1997;

Uma cópia do documentário Sertão, Sertões de Sérgio Rezende;

Algumas folhas de papel e branco para a escrita dos alunos.

Distribuição das aulas 04 aulas

1ª aula para a exploração do conhecimento prévio;

2ª aula para a aplicação do questionário investigativo;

3ª aula para assistir o filme *A guerra de Canudos*, Sergio Rezende, 1997;

4ª aula para a visita temática com o agente do projeto de educação patrimonial.

OFICINA 2: MULTILETRAMENTOS

No segundo momento, a partir do conceito de multiletramentos de Roxane Rojo (2012) e letramento digital de Freitas (2010), pretendemos discutir como a Guerra de Canudos foi noticiada na mídia. O professor pode levar os alunos para o laboratório de informática e solicitar que pesquisem as notícias da época em que ocorreu a Guerra de Canudos em diversos sites. Em seguida, os alunos podem escrever comentários sobre as notícias encontradas fazendo uma análise crítica do papel da mídia na divulgação dos fatos.



Fonte: <<https://blogdabn.wordpress.com/tag/guerra-de-canudos>>



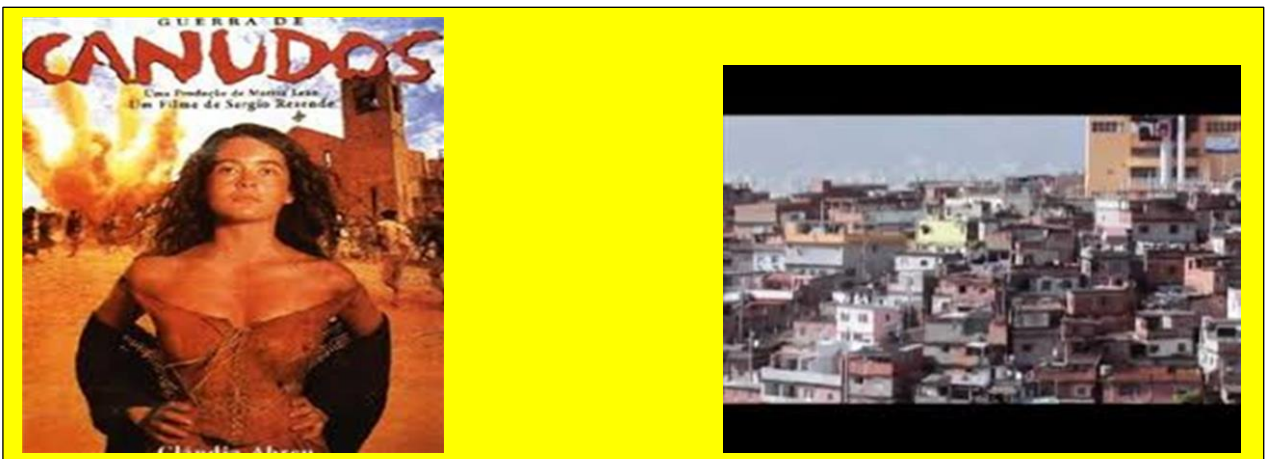
Fonte: Globo filmes



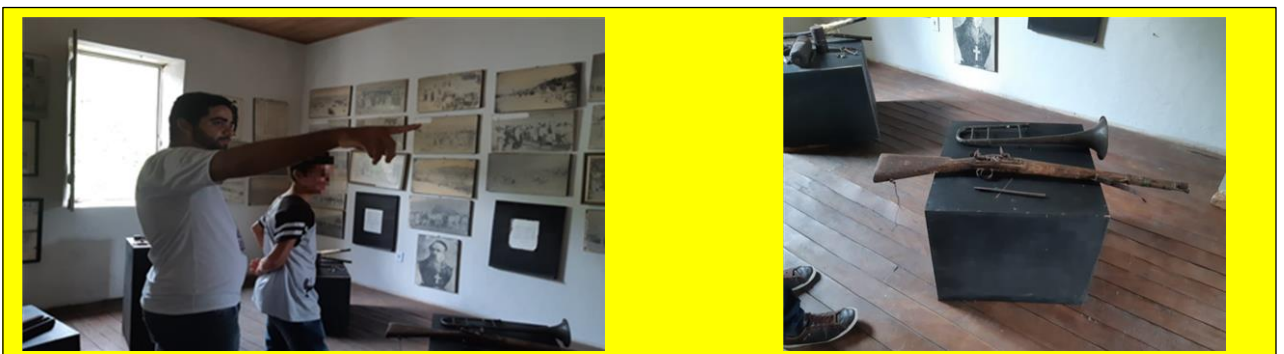
Fonte: Os sertões A luta de Euclides da Cunha por Carlos Ferreira & Rodrigo Rosa



Fonte: Os sertões A luta de Euclides da Cunha por Carlos Ferreira & Rodrigo Rosa



Fonte: : Os sertões A luta de Euclides da Cunha por Carlos Ferreira & Rodrigo Rosa



Objetivos

discutir como a guerra de Canudos foi noticiada na mídia;

proporcionar aos alunos uma prática de leitura multimodal;

praticar a escrita;

utilizar as NTDICs – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação.

Objetivos

Material necessário

laboratório de informática;

acesso à internet;

folhas de papel A4 para que os alunos façam a colagem das notícias;

cola e tesoura.

Material necessário

laboratório de informática;

Distribuição das aulas – 01 aula

1ª aula - pesquisar como foi noticiada na mídia a Guerra de Canudos; separar algumas imagens e fazer a colagem em folhas de ofício, posteriormente tecerem comentários acerca das contrariedades encontradas.

OFICINA 3: MODELO CULTURAL DE LEITURA

No terceiro momento pretendemos com base na leitura do texto literário e de vídeos, visitas, HQ, trabalhados na oficina anterior, fazer uma releitura das representações da Guerra de Canudos, a partir da intersecção entre o estético e o político, bem como promover uma leitura crítica do que levou e manteve o combate em Canudos.

Objetivos

apresentar as quatro expedições ocorridas durante a guerra de Canudos;

fazer uma releitura dessas representações da Guerra de Canudos;

promover uma leitura crítica do que levou e manteve o combate em Canudos;

analisar a formação crítica e as heranças culturais que os alunos têm de *Os sertões*;

discutir as diferenças ideológicas que fazem parte da construção textual e de sua recepção crítica;

compreender, por meio das heranças culturais, como os alunos analisam a atuação do sertanejo durante o combate;

propiciar uma leitura que considere várias interpretações e possibilite-nos um diálogo mais amplo com o texto;

dialogar com as preferências identitárias a partir da identificação das vozes sociais presentes no texto, tanto as explícitas como as silenciadas

Material necessário

cópia da obra *A luta de Os sertões: a luta* de Euclides da Cunha: adaptações de Carlos Ferreira (roteiro) e Rodrigo Rosa (ilustração), (2010);

livro *Os sertões* de Euclides da Cunha

projektor de imagens;

quadro branco e pincel atômico;

cópia de trechos da obra *Os sertões* de Euclides da Cunha;

fotos da praça Monsenhor Berenguer;

folhas de papel A4 para que os alunos escrevam.

Distribuição das aulas – 4 aulas

1ª aula – usar as imagens em HQ para relacionar com o conhecimento prévio que os alunos têm da Guerra de Canudos;

2ª aula – fazer a leitura compartilhada dos trechos retirados de *Os sertões* e associem com as imagens em HQ e respondam as perguntas norteadoras;

3ª aula - interpretar um trecho da obra fazendo uma relação com as imagens em HQ para reconhecimento das vozes ideológicas do texto;

4ª aula - Discutir com os alunos sobre as imagens da Praça Monsenhor Berenguer com a Guerra de Canudos e dialogar com os diversos lugares de fala buscando transformar a leitura desse capítulo um espaço de reflexão social capaz de promover inter-relação entre o texto de *Os sertões* e a sociedade.

Uma aula para apresentar a narrativa das expedições a Canudos;

Guerra de Canudos e dialogar com os diversos lugares de fala buscando transformar a leitura desse capítulo um espaço de reflexão social capaz de promover inter-relação entre o texto de *Os sertões* e a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, você, professor, deve investigar se houve ou não, por parte dos estudantes, uma recepção crítica de *Os sertões*. É importante observar se os alunos se envolveram com as atividades propostas, se acolheram bem os textos e, principalmente, se questionaram as leituras feitas. Enfim, se as atividades conseguiram, através da abordagem estética e cultural, explorar o texto literário propondo uma leitura politizada da obra. (GOMES, 2011. p. 01).

O mais importante na avaliação deste trabalho é verificar se o aluno, ao ler o texto, consegue dialogar com as suas experiências de mundo e reagir ao texto identificando as diversas vozes presentes nele.

Por fim, o professor pode mensurar se houve ou não a ampliação dos horizontes de expectativas dos participantes das atividades. Tais horizontes podem ser modificados a partir de uma reflexão ou questionamento feitos pelos estudantes após as atividades de leitura sobre as consequências ideológicas materializadas na narrativa de Euclides da Cunha e os efeitos políticos e sociais para a cidade de Monte Santo.

Professor, apresentaremos no tópico subsequente algumas sugestões de textos e atividades que você pode aplicar com seus alunos em sala de aula. Essas atividades foram estruturadas, com base no modelo cultural de leitura, assim pretende atualizar a obra, a partir dos novos acontecimentos que mantêm relação ideológica com a narrativa trabalhada.

Vale lembrar que todas as atividades aqui propostas são apenas sugestões, você pode aplicar essas atividades de leituras com outros textos que entender mais conveniente ou adequado à pedagogia do ensino de literatura proposto neste tutorial.

ATIVIDADES SUGERIDAS

- 1 A partir da apresentação feita de Antônio Conselheiro em *Os sertões*, compare a situação vivida pelos seguidores de Antônio Conselheiro, narrada por Euclides da Cunha, à situação do homem nordestino de hoje, e reflita, quem são os líderes de hoje? são religiosos, políticos?
- 2 *Os sertões* relatam a vida do povo nordestino que, apesar de seu sofrimento, impressiona por sua fé. Atualmente, novenas, correntes e orações parecem ser sua grande arma contra a seca, o coronelismo e o desmando quem imperam no nordeste brasileiro. Na sua opinião, esta fé continua viva e intensa, como na época da Guerra de Canudos? O nordestino tem usado a fé para suportar a miséria?
- 3 Em *Os sertões*, percebemos que Antônio Conselheiro tinha poder sobre o povo nordestino. Este poder ameaça o governo brasileiro? Nos dias atuais, o povo organizado representaria uma ameaça às estruturas governamentais. Você conhece algum grupo desses? Eles sofrem algum tipo de represália?
- 4 “Mas Antônio Conselheiro, que nos dias normais mesmo evitava encará-las, naquelas aperturas estabeleceu separação completa. (...)” Nestes comenos sobreveio a nova de que a força recuava. Foi um milagre. A desordem desfechava em prodígio.
- 5 O povo nordestino conheceu em sua história mais algumas personalidades que, pela fé, lutavam contra os poderosos e pelo povo. Atribuem-se milagres feitos por eles e são tidos como santos. Faça uma breve pesquisa e cite quais são os outros homens que conduziram o povo nordestino, por meio da fé, pelas armadilhas do poder. Fale de sua história da fé que o povo lhes tem, e se souber alguns milagres que tenham realizados.
- 6 Há alguma semelhança em relação às estratégias usadas pelas forças armadas na luta contra o arraial de Canudos e as estratégias utilizadas atualmente para combater manifestantes?
- 7 Na verdade, o que caracterizou a luta de Canudos como um massacre? Compare a Guerra de Canudos com o Massacre de Carajás, que assombrou o Brasil há alguns

anos.

- 8 O Brasil é marcado pela questão agrária. Temos visto muitas manifestações do denominado MST (Movimento dos Sem-Terra). Caracterize qual o principal problema agrário do Brasil. Qual o objetivo do MST. Pesquise e fale sobre alguns conflitos enfrentados pelo MST, compare-os à revolução de Canudos.

- 9 “Fechemos este livro”. “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.”

- 10 Em 11 de setembro de 2001, uma grande nação se dobra diante das forças de fanáticos religiosos, sofrendo o maior atentado de nossos dias, colocando em risco a paz mundial. Vimos imagens de crianças à frente de campos de treinamento para defender sua crença. Ao ler acima a passagem de *Os sertões* em que quatro combatentes, entre eles uma criança, lutam até o último momento contra 5 mil homens armados, reflita e discuta o que poderia levar os homens a essa luta resignada por uma causa. De certa forma esses fanáticos religiosos (mulçumanos e nordestinos) possuem algum ponto em comum? Qual?

REFERÊNCIAS

- CEREJA, W. R **Ensino de literatura: proposta dialógica para o trabalho com a literatura** – São Paulo: Atual, 2005.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: Do leitor ao navegador**. SP: EDUNESP, 1998[1997].
- _____. Morte ou transfiguração do leitor?. In: CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002. P. 101-123.
- CITELLI, A. **Roteiro de leitura: Os sertões de Euclides da Cunha**. 3. edição. São Paulo: Ática, 2000.
- CORREIA, A. A.; ANTONY, G. **Educação hipertextual: diversidade e interação como material didático**. In FIORENTINI, L. M. R.; MORAES, R. de A. (Orgs). *Linguagens e interatividade na educação a distância*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- _____. **Círculos de leitura e letramento literário: teoria e prática** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- CUNHA, E. **Os sertões**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- _____. **Os sertões. Campanha de Canudos**. São Paulo. Martin Claret. 2007.
- ECO, U. **Sobre a literatura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- _____. **Interpretação e superinterpretação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FERREIRA, C. F.; ROSA, R., **Os sertões: a luta/Euclides da Cunha: adaptação**. Rio de Janeiro: Desiderata. 2010.
- FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 03, p. 335-352, dez. 2010.
- GOMES, C. M. O modelo cultural de leitura. **Revista Nonada**, v. 1, n. 18, p. 167-183, 2012.
- GOMES, C. M (Org). **Crítica cultural e estudos literários**. São Cristóvão: Editora UFS, 2016.
- _____.; MENEZES, M. P. A leitura literária pelo horizonte dos estudos de gênero. In: Gomes C. M. ; VIANNA, B. (orgs.). **Ensino de Língua e Literatura: multimodalidade e hipertextos**. – Aracaju: Criação, 2016. p. 163-186.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro, 2001.

LÉVY, P. **Cibercultura**; tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

RESENDE, S. **Sertão, Sertões**. Documentário de disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8abo-r1UH9w>. Acesso em 15 de mai. 2018.

REZENDE, N. L. de. A formação do leitor na escola pública brasileira: um jargão ou um ideal?. In: ALVES, J. H. P. (Org.). **Memória da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino**. Campina Grande: Abralic, 2014, p. 37-54.

ROJO, R. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: ROJO, R. (Org.). **Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola Editorial. 2013. p. 9-32.

_____. **Pedagogia dos Multiletramentos: Diversidade cultural e de linguagem na escola**. Disponível em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/portais/discente/discente/jsf>. Acesso em 21 mar. 2017.

_____. **Hipertexto e cibercultura, publicidade, plágio e redes sociais**. São Paulo: Respel, 2011.

ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L., JOVER-FALEIROS, R. (orgs.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013b. p. 17-33.

_____. Autobiografia de leitor e identidade literária. Trad. Neide Luzia de Rezende. In: ROUXEL, Annie, et al. (orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de Literatura**. São Paulo: Alameda, 2013a. p. 67-83.

_____. O advento dos leitores reais. Tradução de Rita Jover-Faleiros. In: ROUXEL, A.; LANGLADE G.; REZENDE, N. L. (Orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda. 2013, p. 191-208.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo**. São Paulo: Paullus, 2004.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

XAVIER, A. C. Educação, tecnologia e inovação: o desafio da aprendizagem hipertextualizada na escola contemporânea. **Revista (Con)Textos Linguísticos** (Edição Especial ABEHTE), v.7, n. 8, p.42-61, 2013.

ZUAZO, N. C. M. Reescrever, editar e remixar na era digital: novos conteúdos? **Revista Nova Escola**. n. 260. Ano XXVIII. 2013.

CAPA: Uelber Aquino